

**A MORTE DE  
IVAN ILITCH**



— LIÉV TOLSTÓI —

A MORTE DE  
IVAN ILITCH

Tradução  
Robson Ortlibas



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original <i>Smert' Ivana Ilyicha</i>	Diagramação Project Nine
Texto Liev Tolstói	Produção e projeto gráfico Ciranda Cultural
Tradução Robson Ortlibas	Imagens Lemurik/Shutterstock.com; Foxys Graphic/Shutterstock.com;
Revisão Yuri Martins de Oliveira	Alex Rockheart/Shutterstock.com; rwgusev/Shutterstock.com;

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

T654m	Tolstói, Liév
	A morte de Ivan Ilitch: СМЕРТЬ ИВАНА ИЛЬИЧА / Liév Tolstói ; traduzido por Robson Ortlibas. - Jandira, SP : Principis, 2019. 80 p. ; 16cm x 23cm.
	Inclui índice. ISBN: 978-65-509-7024-6
	1. Literatura russa. 2. Ficção. I. Ortlibas, Robson. II. Título.
2019-2072	CDD 891.73 CDU 821.161.1-3

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura russa: Ficção 891.73
2. Literatura russa: Ficção 821.161.1-3

1ª edição em 2019

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

I.....	7
II.....	17
III.....	27
IV.....	36
V.....	44
VI.....	49
VII.....	53
VIII.....	59
IX.....	67
X.....	71
XI.....	74
XII.....	78





## I

No grande edifício do tribunal de justiça, durante o intervalo da sessão do caso Melvinski, os membros e o procurador reuniram-se no escritório de Ivan Egórovitch Chebék, e surgiu a conversa a respeito do famoso caso Krássov. Fiódor Vassílievitch ficou exaltado, provando falta de jurisdição, Ivan Egórovitch manteve-se firme em sua opinião, Piotr Ivánovitch, que não participava da discussão em seu início, não tomou partido e folheava a recém-publicada *Gazeta*.

– Senhores! – disse ele. – Ivan Ilitch morreu.

– Será possível?

– Pois leia – incitou ele a Fiódor Vassílievitch, entregando-lhe o exemplar fresco, ainda cheirando a novo.

Estava escrito em destaque: “Com paz de espírito e tristeza, Praskóvia Fiódorovna Goloviná informa aos familiares e conhecidos da morte de seu amado cônjuge, membro da Câmara de Justiça, Ivan Ilitch Golovin, que ocorreu no dia 4 de fevereiro, do ano de 1882. O funeral ocorrerá na sexta-feira, à uma hora da tarde”.

Todos adoravam Ivan Ilitch, que fora companheiro dos senhores ali reunidos. Ele adoecera havia algumas semanas; diziam que a sua doença era incurável. Mantiveram seu lugar, mas foi acordado que, no caso de sua morte, Alekséiev poderia ser nomeado para o seu lugar, e Vínnikov ou Chtábel para o lugar de Alekséiev. Assim sendo, ao ouvir da morte de Ivan Ilitch, o primeiro pensamento de cada um

dos senhores reunidos no escritório foi a respeito da significância que essa morte poderia ter sobre a transferência ou a promoção de si mesmos ou de seus conhecidos.

“Talvez agora consiga o lugar de Chtábel ou de Vínnikov – pensou Fiódor Vassílievitch. – Isso me foi prometido há muito tempo, e esta promoção representa oitocentos rublos de aumento, fora a chancelaria.”

“Então precisaremos pedir a transferência do cunhado de Kaluga – Piotr Ivánovitch pensou. – Sua esposa ficará muito feliz. Agora não vai poder mais falar que eu não fiz nada para a sua família.”

– Eu achava que ele não fosse morrer – Piotr Ivánovitch disse em voz alta. – É uma pena.

– E o que ele tinha, de fato?

– Os médicos não conseguiam identificar. Ou seja, identificaram, mas não entraram em um acordo. Quando o vi pela última vez, pareceu-me que ele iria se recuperar.

– E eu não o visitava desde os feriados. Pensava em visitá-lo.

– Ele tinha patrimônios?

– Parece que ficou algo para a esposa. Mas nada significativo.

– Sim, precisamos fazer uma visita. Eles viviam terrivelmente longe.

– Ou seja, longe de você. Tudo é longe de você.

– Não tenho culpa de que moro do outro lado do rio – ponderou Piotr Ivánovitch, rindo de Chebék. E falando sobre as distâncias da cidade, foram para a sessão.

Além das consequências dessa morte em cada pensamento a respeito das promoções e possíveis mudanças no serviço, que poderiam ocorrer por disso, o próprio fato da morte de um conhecido próximo causou em todos, que souberam do ocorrido, um sentimento de alegria por ter sido o outro quem havia morrido, e não ele.

“Ele está morto; mas eu não” – pensou ou sentiu cada um. Conhecidos próximos, os assim chamados amigos de Ivan Ilitch,

## A MORTE DE IVAN ILITCH

pensaram, de forma inconsciente, que agora também seria preciso cumprir os enfadonhos deveres do decoro e ir ao funeral e prestar as condolências à viúva.

Os mais próximos dele eram Fiódor Vassílievitch e Piotr Ivánovitch.

Piotr Ivánovitch fora seu companheiro de estudos jurídicos e considerava-se em dívida com Ivan Ilitch.

Tendo comunicado à esposa, durante o jantar, a morte de Ivan Ilitch e as considerações da possibilidade de transferir o cunhado para o seu distrito, Piotr Ivánovitch, sem se deitar para descansar, vestiu seu fraque e foi à casa de Ivan Ilitch.

Na entrada do apartamento de Ivan Ilitch havia uma carruagem e dois cocheiros. Abaixo, na entrada, próximo ao cabideiro, estava encostada na parede uma tampa de caixão brocada, com bordas e galão polidos. Duas damas de preto tiravam seus casacos. Uma delas ele conhecia, era a irmã de Ivan Ilitch, a outra dama era uma desconhecida. O companheiro de Piotr Ivánovitch, Schwartz, desceu e, do degrau mais alto, vendo alguém que entrava, parou e piscou, como se dissesse: “Ivan Ilitch comandou de forma insensata; muito diferente de nós dois”.

O rosto de Schwartz, com suíças à inglesa e toda a sua magra aparência de fraque, tinha, como sempre, uma solenidade elegante, e nessa solenidade, sempre contrária ao caráter brincalhão de Schwartz, havia um tempero especial. Assim pensou Piotr Ivánovitch.

Piotr Ivánovitch deu passagem às senhoras e, lentamente, seguiu-as para a escada. Schwartz não desceu, mas ficou parado no topo. Piotr Ivánovitch entendeu o porquê: ele certamente queria planejar onde jogar *vint*<sup>1</sup>. As damas passaram pela escada em direção à viúva, mas Schwartz, com os lábios seriamente cerrados e um olhar brincalhão, com um movimento de sobrancelhas, apontou para Piotr Ivánovitch o quarto do morto, à direita.

---

1 Jogo de cartas, de origem russa, similar ao uíste e ao bridge. (N.T.)

Como sempre acontece, Piotr Ivánovitch entrou perplexo com o que ele precisaria fazer ali. Uma coisa ele sabia, que fazer o sinal da cruz nestas situações nunca é demais. Não tinha tanta certeza se também deveria se curvar ao mesmo tempo e, portanto, escolheu um meio-termo: ao entrar no quarto, começou a fazer o sinal da cruz e insinuou curvar-se ligeiramente. Tanto quanto o movimento das mãos e da cabeça permitia-lhe, ele também olhava ao redor do quarto. Dois jovens, um colegial, talvez sobrinhos, saíram do quarto fazendo o sinal da cruz. Uma velha senhora permanecia imóvel. Uma dama de estranhas sobranceiras levantadas sussurrava algo para ela. O sacristão de sobrecasaca, vigoroso e resoluto, lia algo em voz alta com uma expressividade que dispensava qualquer contradição; o auxiliar de copeiro Guerássim, passando diante de Piotr Ivánovitch com passos leves, borrifou algo pelo chão. Vendo isso, Piotr Ivánovitch imediatamente sentiu um leve odor de cadáver em decomposição. Em sua última visita a Ivan Ilitch, Piotr Ivánovitch viu este homem no escritório; ele cumpria a função de cuidador, e Ivan Ilitch o amava de forma especial. Piotr Ivánovitch fazia o sinal da cruz e inclinava-se ligeiramente, em uma posição intermediária entre o sacristão, o caixão e as imagens sobre uma mesa ao canto. Depois, quando o movimento com as mãos, do sinal da cruz, pareceu-lhe duradouro demais, ele parou e começou a olhar para o morto.

O morto jazia, como sempre jazem os mortos, notadamente pesado, mortificado, afundado com os membros rígidos no fundo do caixão, a cabeça eternamente inclinada sobre o travesseiro e exibida, como sempre exibem os mortos, sua testa amarelada de cera com as entradas nas têmporas afundadas e o nariz proeminente, como se pressionasse o lábio superior. Ele mudara muito, perdera mais peso desde quando Piotr Ivánovitch o vira, mas, como todos os mortos, seu rosto estava mais bonito e, principalmente, mais expressivo do que quando ainda era vivo. Em seu rosto havia uma

expressão de que o que precisava ser fazer, estava feito, e feito corretamente. Além disso, essa expressão era ainda uma repreensão ou um lembrete aos vivos. Esse lembrete parecia inadequado a Piotr Ivánovitch, ou, ao menos, parecia não lhe dizer respeito. Por algum motivo, sentiu-se incomodado e, por isso, Piotr Ivánovitch fez o sinal da cruz de novo e, como pareceu-lhe, virou-se, de modo muito apressado, incongruente com o decoro, e foi em direção à porta. Schwartz o esperava no quarto de passagem, com as pernas muito abertas e as mãos para trás, brincando com a cartola. Bastou um olhar para a imagem elegante, brincalhona e arrumada de Schwartz, para Piotr Ivánovitch sentir-se revigorado. Piotr Ivánovitch entendeu que Schwartz estava acima daquilo e não se rendia a impressões negativas. Sua aparência falava por si: o incidente do funeral de Ivan Ilitch não podia, de modo algum, servir de razão suficiente para declarar a ordem da sessão violada, ou seja, nada poderia impedir, naquela noite, o som do embaralhar das cartas, enquanto o laçao arranjava quatro velas não queimadas; não havia razão para supor que esse incidente poderia nos impedir de ter uma noite agradável. Ele mesmo havia dito isso, sussurrando, ao passar por Piotr Ivánovitch, oferecendo-se para se reunir ao grupo de Fiódor Vassílievitch. Mas, aparentemente, o destino de Piotr Ivánovitch não era jogar *vint* naquela noite. Praskóvia Fiódorovna, uma mulher de baixa estatura e gorda, apesar de todos os esforços para parecer o contrário, ainda assim se avolumava dos ombros para baixo, toda de preto, de cabeça coberta com rendas e com as mesmas estranhas sobranceiras erguidas, como aquela dama que estava de pé diante do caixão, retirou-se de seus aposentos com as outras damas e, conduzindo-as até a porta do morto, disse:

– A cerimônia começará agora; entrem.

Schwartz, curvando-se vagamente, parou, obviamente não aceitando e não recusando tal chamado. Praskóvia Fiódorovna,

conhecendo Piotr Ivánovitch, suspirou e aproximou-se dele, segurou-lhe a mão e disse:

– Eu sei que você foi um verdadeiro amigo para Ivan Ilitch... – e olhou para ele, esperando uma ação destas palavras dirigidas a ele.

Piotr Ivánovitch sabia que não havia a necessidade de fazer o sinal da cruz, apenas precisava apertar a mão, suspirar e dizer: “Acredite!”. E assim o fez. E, com isso, sentiu que atingiu o resultado desejado: ele ficou comovido e ela ficou comovida.

– Vamos, enquanto não começa; preciso falar com o senhor – disse a viúva. – Dê-me o braço.

Piotr Ivánovitch deu-lhe o braço, e eles se dirigiram a um quarto interno, perto de Schwartz, o qual piscou tristemente a Piotr Ivánovitch: “Aí está o *vint!* Sem ofensa, pegaremos outro parceiro. Podemos jogar com cinco pessoas, quando você se livrar” – dizia o seu olhar brincalhão.

Piotr Ivánovitch deu um suspiro ainda mais profundo e triste, e Praskóvia Fiódorovna apertou-lhe o braço em agradecimento. Entrando em sua sala de estar com estofado em cretone cor-de-rosa, de luz fraca, eles sentaram-se junto de uma mesa: ela no sofá e Piotr Ivánovitch em um pufe baixo, com molas soltas, o que tornava o assento desconfortável. Praskóvia Fiódorovna queria avisar-lhe para que se sentasse em outra cadeira, mas achou que tal aviso não estaria de acordo com a sua posição e mudou de ideia. Sentando-se nesse pufe, Piotr Ivánovitch lembrou de como Ivan Ilitch decorara aquela sala de estar e consultara-o a respeito daquele mesmo cretone cor-de-rosa, com folhas verdes. Indo sentar-se no sofá e passando perto da mesa (no geral, toda a sala de estar estava cheia de coisas e móveis), a viúva prendeu a renda da sua mantilha preta no entalhe da mesa. Piotr Ivánovitch ergueu-se, na intenção de desprender, e o assento do pufe começou a voltar à sua forma e o cutucou. A viúva começou a soltar a

## A MORTE DE IVAN ILITCH

sua renda por conta própria, e Piotr Ivánovitch sentou-se outra vez, esmagando o rebelde pufe sob si. Porém a viúva não se desprendeu totalmente, Piotr Ivánovitch outra vez se levantou, e outra vez o pufe se rebelou e até mesmo estalou. Quando tudo isso acabou, ela pegou um lenço de cambraia limpo e começou a chorar. O próprio Piotr Ivánovitch, após o episódio com a renda e a luta com o pufe, ficara esgotado. Essa situação desconfortável foi interrompida por Sokolov, o copeiro de Ivan Ilitch, com o relato de que o lugar no cemitério que Praskóvia Fiódorovna havia designado custaria duzentos rublos. Ela parou de chorar e, com cara de vítima, olhando para Piotr Ivánovitch, disse em francês que era muito difícil para ela. Piotr Ivánovitch fez um sinal de silêncio, expressou uma inquestionável certeza de que isso não poderia ser diferente.

– Fume, por favor – encorajou ela, com uma voz generosa e deprimida, e lidou com a questão do valor do local com Sokolov. Piotr Ivánovitch, fumando, ouviu que ela questionava exaustivamente sobre os diversos valores das terras e determinou qual deveria escolher. Além disso, determinando o local, ela também pediu coristas. Sokolov foi embora.

– Eu mesma estou fazendo tudo – disse ela a Piotr Ivánovitch, empurrando os álbuns de lado, que estavam na mesa; e, notando que as cinzas ameaçavam cair sobre a mesa, não perdeu tempo e moveu o cinzeiro para Piotr Ivánovitch e confidenciou: – Eu acho uma hipocrisia fingir que o sofrimento me impede de fazer coisas práticas. A mim, pelo contrário, se há algo que pode até não confortar, mas distrair, é a preocupação com as coisas dele. – Ela tirou novamente o lenço, como se estivesse prestes a chorar e, de repente, como se controlasse a si mesma, sacudiu-se e começou a falar calmamente:

– No entanto, tenho um assunto com você.

Piotr Ivánovitch curvou-se, não deixando que as molas do pufe se soltassem de maneira que elas, imediatamente, começaram a se mexer sob ele.

– Nos últimos dias ele sofreu terrivelmente.

– Sofreu muito? – perguntou Piotr Ivánovitch.

– Ah, terrivelmente! Ele não parava de gritar, não nos últimos minutos, mas durante horas. Por três dias seguidos, ele apenas gritava. Foi insuportável. Eu não consigo entender, como consegui suportar; era possível ouvir através de três portas. Ah! O que passei!

– Será que ele estava consciente? – perguntou Piotr Ivánovitch.

– Sim – ela sussurrou –, até o último minuto. Ele se despediu de nós por um quarto de hora até sua morte e ainda pediu para levar Volódia.

O pensamento a respeito do sofrimento de uma pessoa que ele conhecera tão de perto, primeiro como um menino alegre, um aluno da escola, depois como um parceiro adulto, a despeito da desagradável consciência do fingimento daquela mulher e do seu próprio, de repente, horrorizou Piotr Ivánovitch. Ele viu, novamente, aquela testa, o nariz que pressionava o lábio, e ficou com medo de si mesmo.

“Três dias de intenso sofrimento e morte. Pois agora isso pode acontecer comigo, a qualquer momento” – pensou ele, e ficou assustado por um instante. Mas, imediatamente, ele próprio não sabia como, veio em seu auxílio o pensamento habitual de que isso aconteceria com Ivan Ilitch, e não com ele; e que isso não deveria e nem poderia acontecer com ele; que, pensando assim, ele recaía em um humor sombrio, do que não se deve fazer, como ficara evidente no rosto de Schwartz. E, tendo este raciocínio, Piotr Ivánovitch acalmou-se e com curiosidade começou a perguntar detalhes a respeito da morte de Ivan Ilitch, como se a morte fosse uma aventura peculiar que poderia acontecer apenas a Ivan Ilitch, e não a ele.

## A MORTE DE IVAN ILITCH

Após várias conversas sobre os detalhes realmente terríveis dos sofrimentos físicos ocorridos com Ivan Ilitch (detalhes estes que Piotr Ivánovitch conhecia apenas através de como o tormento de Ivan Ilitch agira sobre os nervos de Praskóvia Fiódorovna), a viúva, obviamente, encontrou a necessidade de ir direto ao ponto.

– Ah, Piotr Ivánovitch, como é difícil, como é terrivelmente difícil, como é terrivelmente difícil – e chorou mais uma vez.

Piotr Ivánovitch suspirou e esperou que ela assoasse o nariz. Quando ela assoou o nariz, ele disse:

– acredite... – e mais uma vez ela ficou conversando e disse aquilo que, obviamente, era o seu principal assunto com ele; o assunto que consistia em perguntas a respeito de como faria, por ocasião da morte do marido, para se apossar do dinheiro do tesouro. Ela fez um olhar como que pedisse conselho sobre a pensão a Piotr Ivánovitch; mas ele viu que ela já sabia, nos detalhes, até o que ele não sabia: tudo aquilo que poderia ser retirado do tesouro, por ocasião da morte; porém o que ela queria saber era se não poderia, de alguma forma, retirar ainda um pouco mais de dinheiro. Piotr Ivánovitch tentou inventar uma maneira, mas, pensando um pouco e, por decência, reclamou do nosso governo por sua mesquinhez, disse que, talvez, não seria possível. Então ela suspirou e, obviamente, tornou a inventar meios para livrar-se do seu visitante. Ele percebeu isso, apagou o cigarro, levantou-se, apertou sua mão e foi para a entrada.

Na sala de jantar com um relógio, que Ivan Ilitch ficara tão feliz quando comprara no bricabraque, Piotr Ivánovitch encontrou o padre e mais alguns conhecidos, que chegaram para a cerimônia, e notou uma bela moça que lhe era familiar, a filha de Ivan Ilitch. Ela estava toda de preto. A sua cintura, que já era fina, parecia ainda mais fina. Ela tinha uma aparência sombria, resoluto, quase de raiva. Ela inclinou-se para Piotr Ivánovitch, como se ele fosse culpado por algo. Junto da filha, com o mesmo olhar ofendido, familiar a Piotr